

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Filipe Alexander Alves Tavares

**Campo, quadra, areia: um projeto possível para
o ensino do handebol**

Congonhas
2012

Filipe Alexander Alves Tavares

**Campo, quadra, areia: um projeto possível para
o ensino do handebol**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Profº Fabrine Leonard

Congonhas – MG

2012

Filipe Alexander Alves Tavares

**Campo, quadra, areia: um projeto possível para
o ensino do handebol**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Profº Fabrine Leonard

Aprovado em ___ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Professor Fabrine Leonard - UFMG

Professor José Ângelo Garíglío – UFMG

RESUMO

O estudo apresentado neste trabalho consiste no desenvolvimento de um projeto, que figura um plano de ação para o desenvolvimento do conteúdo de handebol na disciplina de educação física. O plano foi aplicado em alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Congonhas. Foram abordadas as diversas e possíveis maneiras de desenvolvimento do conteúdo supracitado, através de exposições teóricas sobre a história do handebol, suas origens, bem como os diferentes e possíveis lugares onde este desporto foi praticado. Foi trabalhada, também, a vivência prática junto aos alunos.

Palavras-chave: handebol, educação física, escola.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. A Educação Física escolar.....	8
2.1 Esporte.....	11
2.2 Histórico do Handebol	13
3. Realização do projeto	15
4. Considerações finais.....	19
5. Referências bibliográficas.....	20

1. Introdução

A escola é um lugar de ensino e aprendizagem de valores, que prepara o educando para exercitar sua cidadania e o inseri-lo no mundo, para o trabalho e para a vida em sociedade. Segundo Arantes:

A sociedade solicita que a educação assuma funções mais abrangentes que incorporem em seu núcleo de objetivos a formação integral do ser humano. Essa proposta educativa objetiva a formação da cidadania, visando que alunos e alunas desenvolvam competências para lidar de maneira consciente, crítica, democrática e autônoma com a diversidade e o conflito de idéias, com as influências da cultura e com os sentimentos e as emoções presentes nas relações que estabelecem consigo mesmos e com o mundo à sua volta. (2003, p.157)

Esta instituição tem a finalidade de educar de maneira regular, sistemática e intencional as crianças, adolescentes e adultos preparando-os para vida, ensinando-os a conviver com as pessoas e a respeitar as diferenças. A escola não é uma ilha na sociedade, não está totalmente determinada por ela, mas não está totalmente livre dela. É nessa instituição que muitos acreditam estar a possibilidade de mudança de vida, de ascensão social ou de melhores oportunidades (FREITAS, 1995).

Segundo a proposta curricular da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - CBC, a escola é tempo de vivência sociocultural, aprendizado de saberes e desenvolvimento do sujeito, considerando a pluralidade das potencialidades humanas, valorizando o conhecimento, a arte, a estética, a identidade, o sentimento, a emoção e as múltiplas linguagens.

No que concerne à disciplina Educação Física, é função desta inserir os alunos na cultura corporal de movimento. Para Bratch (2010), a Educação Física deve propiciar a construção, pelo aluno, de um amplo acervo cultural, no caso de uma dimensão específica da cultura, a cultura corporal de movimento.

A justificativa é a de que essa dimensão da cultura assume cada vez maior importância na vida das pessoas. Este mesmo autor observa que as práticas corporais tematizadas pela Educação Física ao longo da história se inscrevem, fundamentalmente, no amplo espectro do lazer. A função social da Educação Física está referida sempre mais intensamente ao mundo do lazer, quando esta prepara o aluno para seu tempo livre, para saber usá-lo de forma autônoma e eficiente. Desta maneira, fica também a cargo da Educação Física a competência para fornecer aos alunos meios para situarem-se de forma autônoma e crítica nessa dimensão da vida social. Segundo Bratch:

Já não basta a mera exercitação física ou a aprendizagem das destrezas esportivas; há que se ampliar o conteúdo da Educação Física de tal maneira que encampe os conhecimentos construídos pelas diferentes ciências sobre essas práticas. O conteúdo da Educação Física assume assim um duplo caráter: trata-se de um saber fazer e um saber sobre esse fazer. Outro aspecto importante que deriva desse entendimento do objeto/contéudo da Educação Física, é o de que esses devem ser tematizados de forma historicizada para que fique claro aos alunos que essas formas de movimento são construções sócio-culturais que abrigam significados datados. (2010, p.3)

2. A Educação Física escolar

Muito se tem falado das novas formas de cultura de esporte e movimentos, esporte-espetáculo, veiculado amplamente por todos os tipos de mídia, o movimento nas academias, a vida vitoriosa dos atletas. Ao mesmo tempo, tem-se procurado estabelecer um paralelo entre esses fenômenos midiáticos e a função da Educação Física escolar.

Para entender a real importância da Educação Física Escolar diante dessas situações, e ainda, apresentar sua importância dentro de uma instituição escolar como um componente curricular obrigatório, torna-se necessário saber qual é a especificidade desta disciplina dentro da escola.

A princípio, a Educação Física quando inserida no currículo escolar era tida como um momento para a prática de exercícios ginásticos, com a finalidade de deixar o corpo forte e saudável; preocupava-se apenas com a questão biológica. Segundo Bracht (2010), o entendimento do conteúdo da Educação Física se pauta na idéia de que se tratava de uma atividade física, o que a diferenciava das outras disciplinas, cujo conteúdo sempre foi entendido como conhecimento de caráter conceitual. Esta visão foi aceita até meados da década de 1980.

Hoje, entretanto, esta disciplina se justifica como disciplina escolar por ter um conteúdo específico para sua atuação, as práticas corporais (jogos, esportes, ginástica, lutas, capoeira, dança, entre outros), que foram construídas ao longo do tempo. Para o autor, o movimento corporal e o sentido que orienta tal ação é o que confere especificidade à Educação Física no interior da escola e que este movimento não é todo movimento, mais sim o movimento humano com determinado significado/sentido que lhe é conferido pelo contexto histórico cultural e este se apresenta na forma de exercícios ginásticos, de esportes, danças, jogos etc., possuindo um determinado código que comunica um sentido.

É importante ressaltar este contexto histórico-cultural, uma vez que é esta história que traz a riqueza da Educação Física, imbuída de fortes traços da cultura vigente em cada período. Bracht (2010) observa a forte extensão dos

exercícios militares e de seus códigos e depois fala do esporte e sua forte influência nas aulas de Educação física, chegando muitas vezes a se confundir com esta disciplina.

Portanto, entende-se Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1998, p. 29). Bracht citando o Coletivo de Autores, 1992, no que tange à seleção e preparação do conteúdo, propôs alguns princípios:

a) Relevância social: o conteúdo deverá estar vinculado com a explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, particularmente de sua condição de classe social; b) A contemporaneidade do conteúdo: sua seleção deve garantir ao aluno um conhecimento atualizado em relação com o que se encontra disponível no mundo contemporâneo, mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e internacionais, assim como do avanço da ciência e da técnica; c) A adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas dos alunos: no momento da seleção há de se adequar o conteúdo à capacidade cognitiva e à prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento e às suas possibilidades como sujeito histórico; d) Provisoriedade e historicidade do conhecimento: apresentar o conteúdo ao aluno desenvolvendo a noção de historicidade, situando-o desde sua gênese para que o aluno se perceba como sujeito histórico.

O que confere, então, especificidade à Educação física é o movimento e este em forma de jogos e brincadeiras, esporte, ginástica, dança e expressões rítmicas. Tais atividades também podem ser encontradas fora do ambiente escolar, González e Fensterseifer (2010) sinalizam que o fato da Educação Física ser uma disciplina escolar que demanda um tipo de tratamento diferente dos elementos em estudo, daquele propiciado por outras instituições. Deve ter um tratamento pedagogizado, onde o aluno aprende fazendo, entende o motivo pelo qual aprendeu e o porquê e quando esse aprendizado vai ser importante em sua vida.

A vivência em cada uma das manifestações corporais não é apenas um meio para se aprender outra coisa, pois ela gera um tipo de conhecimento muito particular, insubstituível. Portanto se não for oferecida ao estudante a chance de experimentar boa parte do leque de possibilidades de movimento sistematizado pelos seres humanos ao longo de vários anos, ele estará perdendo parte do acervo cultural da humanidade e uma possibilidade singular de perceber o mundo e de perceber-se. (2010, p.17)

A Educação Física deve ser tratada diferente de como é em outras instituições seculares; na escola, deverá ter tratamento pedagógico, historicizar os conteúdos e oferecer um conhecimento que o aluno só pode aprender na escola, uma vez que o quê e como a Educação Física ensina, sofreu modificações tendo em vista a influência de diferentes interesses sócio-culturais inerentes a cada época. Desta maneira, procura-se desenvolver no aluno um raciocínio histórico destes conteúdos, para que ele compreenda o que mudou e o que permanece, relações entre presente, passado e futuro. Assim será possível ao próprio aluno visualizar contextos em diferentes épocas e entender o motivo baseado na relação passado/presente.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), uma dinâmica curricular na perspectiva dialética favorece a formação do sujeito histórico à medida que lhe permite construir, por aproximações sucessivas, novas e diferentes referências sobre o real no seu pensamento. Permite-lhe, portanto, compreender como o conhecimento foi produzido historicamente pela humanidade e o seu papel na história dessa produção.

Em face a essa nova demanda, entra a importância da disciplina de Educação Física que educa para o tempo livre, para o lazer e para a reflexão. Bracht (1992) fala da importância da Educação Física em função da importância do lazer e também da importância de educar no sentido de instrumentalizar o indivíduo para ocupar, de forma autônoma, seu tempo livre, também com atividades corporais de movimento; de instrumentalizar o indivíduo para entender e se posicionar criticamente frente a nossa cultura corporal/movimento, também educar no sentido de desenvolver uma

sociabilidade composta de valores, que permitam um enfrentamento crítico com os valores dominantes.

O Coletivo de Autores (1992) corrobora com o autor acima quando diz que uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória.

A Educação Física se mostra muito importante dentro do ambiente escolar, uma vez que ela tem um saber e um saber fazer, a ser ensinado. Este conhecimento vem ao encontro das necessidades atuais da nossa sociedade, onde os níveis de manipulação, estresse, sedentarismo, obesidade e outros fatores são desencadeados por uma vida frenética, de muito trabalho, trânsito e cobranças do cotidiano. Tudo isso pode ser amenizado por uma melhor qualidade de vida do cidadão, que pode aprender com esta disciplina a usar melhor seu tempo livre e saber se posicionar criticamente perante estes fenômenos da cultura corporal de movimento. Exemplificando, podemos citar a capacidade que o aluno adquire para analisar as mudanças nas regras e no modo de jogar um esporte, devido a algum determinado momento histórico ou por forças climáticas, tornando-se um sujeito histórico e crítico cômico do que lhe é oferecido.

Desta forma, quando o esporte é ensinado nas aulas de educação física, ele tem um tratamento pedagógico, que lhe confere uma importância singular, diferente de como é tratado no meio secular.

2.1 Esporte

O esporte é uma das maiores manifestações culturais da humanidade. Sua intensa divulgação pelos meios de comunicação favorece sua apreciação por um diverso contingente de grupos sociais e culturais (BRASIL, 1998). É uma manifestação específica da cultura corporal de movimento e tem se tornado o principal objeto de estudo da Educação Física. Para Pires e Neves (2002), parece não ter sido apenas adotado como seu principal objeto de

estudo e intervenção prática como chega até mesmo confundir-se com ele num processo referido como esportivização da Educação Física.

Entretanto, muito se tem discutido sobre o verdadeiro papel do esporte na escola e como ele é tratado. Na maioria das vezes, o que é oferecido aos alunos é o esporte de rendimento, por causa de seu sistema de seleção e treinamento serem cruéis com os menos habilidosos, prevalecendo resultados, treinamentos exaustivos e repetitivos, tentando trazer para dentro da escola o mesmo que é feito em instituições profissionais. E, assim, muitos alunos se afastam das aulas de educação física por não possuírem estas habilidades, prejudicando suas experiências com o conteúdo esporte.

Para Bracht (1992), a Educação Física assume os códigos de outra instituição (a instituição esporte) de tal forma que se tem, então, não o esporte da escola e sim o esporte na escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte na escola também, muitas vezes, é um prolongamento da própria instituição esportiva.

Sávio Assis de Oliveira (1999-2000) questiona sobre qual é a face atual da escola e qual a face possível, afirmando que a escola é reprodutora, é espaço de resistência, de luta, de contra-hegemonia, de contra-cultura, dependente de uma intervenção consciente e articulada. Este autor discorda de Bracht (1992), analisando que o esporte da escola pode ser exatamente igual ao esporte da escola e fala que um dado importante proveniente do entendimento da escola como produtora de cultura é que ele responde a uma preocupação recorrente, qual seja a de que as mudanças ocorridas na escola não devem se encerrar nelas mesmas.

Para Elenor Kunz, citado por (PINTO, 2009), trabalhar o esporte como um conteúdo escolar não significa deixar de trabalhar o esporte de rendimento, pois seria o mesmo que negar a própria realidade, já que este existe e é conhecido pelos alunos. Ao contrário, propõe que esse esporte seja problematizado, para que temas como a mercantilização do próprio esporte e de seus atletas, o uso de doping, o treinamento especializado precoce, a discriminação da mulher no esporte, a violência nas disputas esportivas e diversas outras mazelas do esporte em sua dimensão do rendimento passem a ser um campo fértil para a ocorrência de aprendizagens significativas, de forma

a levar os alunos a um esclarecimento que os liberte da “coerção auto-imposta” que vivenciam.

2.2 Histórico do Handebol

Existe uma certa dificuldade em datar a origem dos esportes, devido a sempre haver mais de uma versão e ser atribuída a sua origem vinculando-se ao início das federações e de campeonatos. No caso do handebol, ainda se tem a possibilidade de associar sua origem derivando-se de outros esportes ou práticas de lazer.

O Handebol moderno foi praticado pela primeira vez na Dinamarca, em 1897, e sua ascensão inicia-se na década de 1910, com o surgimento do Handebol a 11, impulsionado pelos parlamentares da Dinamarca, Alemanha e Suécia.

De acordo com a Confederação Brasileira de Handebol - CBHB (1997), a modalidade Handebol a 11 começou a ser praticado através da iniciativa de alguns professores de Educação Física alemães, que o criaram a partir do Raffball e do Konrad Koch. O professor alemão Karl Schelenz lançou o Handebol na Europa e apresentou melhorias nas regras do jogo. Nos jogos olímpicos de Amsterdam, 1928, foi criada a Federação Internacional de Handebol Amador, IAHF, e, em 1946, foi criada a Federação Internacional de Handebol, IHF.

Com o passar do tempo, foi criado o Handebol de quadra, com 7 jogadores, sendo que o primeiro campeonato mundial aconteceu em 1957, na Iugoslávia. Esta modalidade foi criada com o intuito de fugir do inverno rigoroso europeu e ganhar em movimentação e rapidez.

No Brasil, este desporto começou aparecer sendo praticado por alemães que residiam no país, através de Emil Shemehlin, que trouxe o esporte, na versão praticada em campo, após a Primeira Guerra Mundial (CBHB, 1997). Esta versão, no entanto, não durou muito tempo, sendo substituída pelo Handebol de salão. Os motivos por essa troca não são muito claros, mas são

atribuídos ao inverno rigoroso da Europa e à maior velocidade do handebol de salão.

A partir destes conhecimentos foi realizado um projeto com os alunos de um sexto ano da Escola Municipal Dom João Muniz, situada na cidade de Congonhas, Minas Gerais, possibilitando uma vivência no esporte handebol em diferentes espaços físicos. Através de um conhecimento prático e embasado em registros históricos e teóricos, proporcionando aos alunos a possibilidade de experimentarem o jogo de Handebol no campo, na quadra e na areia. Procurou-se envolver o aluno em uma experiência educativa, onde o processo de construção de conhecimentos estivesse integrado às práticas vividas (LEITE, 1996).

3. Realização do projeto

O projeto teve início ainda dentro de sala de aula, com uma avaliação diagnóstica sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre este desporto (o que é handebol e como é jogado?). As principais e recorrentes respostas foram: futebol jogado com as mãos; a bola tem que ser tocada entre os jogadores até chegar ao gol; tem que pular para arremessar; não pode usar os pés; pode dar dois ou três passos com a bola na mão; é jogado na quadra; vence a equipe que fizer mais gols. Foi notório perceber que a turma tinha um conhecimento muito superficial sobre este esporte, às vezes chegando a confundir-lo com o basquete.

Após esse primeiro momento, foi proposto aos alunos que experimentassem o handebol da maneira que foi descrita por eles. A intenção inicial era provocar os alunos para um jogo no qual eles não tinham conhecimentos aprofundados e permitir que eles jogassem exatamente da maneira superficial que eles o conheciam, esperando uma certa dificuldade para o andamento deste. Foi dividida a turma em dois times de dez alunos em cada, uma vez que havia vinte alunos no dia, e foi jogado.

Pude observar a falta de algumas regras específicas como entrar na área do goleiro, segurar o adversário, que atrapalhavam o andamento da aula. Fiz algumas intervenções, mas sem falar em regras, especificamente. Percebi também que os meninos se sobressaíam, pois corriam com a bola, driblavam, seguravam a bola e driblavam novamente. A intenção era exatamente esta: permitir que situações de força maior proporcionassem a intervenção e a mediação por parte do professor, levando os alunos a perceberem a importância de regras para o andamento do jogo. Sempre que necessário intervinha na aula, sem entrar em detalhes de regras.

Ao final da aula, reunidos em círculo na quadra, perguntei o que tinham achado daquele esporte e a maioria falou que havia gostado, porém estava muito bagunçado, que precisava colocar algumas regras para ficar mais “gostoso”. Falei que na próxima aula jogaríamos de novo, mas com algumas modificações. Houve reclamações.

Em um segundo momento, ainda dentro de sala, lembramos da última aula, das principais dificuldades percebidas por eles. Falei da importância das regras nos esportes; a importância de respeitar o outro, não cometer deslealdade, obedecer a algumas limitações de contato e espaços para preservar a integridade física dos participantes.

Em seguida, fiz uma breve analogia com a vida secular, falando das regras de trânsito e a importância de obedecê-las para o bom funcionamento deste, assim como deve ser nos esportes. Expliquei as principais regras, como quicar a bola só com uma das mãos; não tocar a bola com o corpo do joelho para baixo; após ter driblado e segurar a bola, esta tem que ser tocada ou lançada ao gol; a área do goleiro é restrita a este como espaço de jogo; segurar a bola no máximo por três segundos; dar no máximo três passos com a bola nas mãos; é permitido utilizar os braços ou a mão para apoderar-se da bola; tirar a bola das mãos do adversário com as mãos abertas, não importa de que lado; bloquear o caminho ao adversário com o corpo; é proibido arrancar a bola da mão do adversário, assim como bater com o punho na bola que o mesmo tenha em suas mãos do handebol.

Falei, ainda, da sua origem em campo de futebol e propus aos alunos um jogo de handebol em lugar maior que a quadra, simulando um campo de futebol, assim como em sua origem. Dividi a turma em dois times de dez alunos e jogamos em um espaço bem grande, que somava a quadra mais um espaço não pavimentado, ficando um espaço bem grande para o jogo.

Percebi que a dinâmica do jogo fluiu melhor, menos faltas, menos contato físico, menos gols também, uma vez que agora eles já sabem da área do goleiro. Pude ainda perceber que alguns alunos aproveitaram do espaço físico maior, para conduzir mais a bola, às vezes levando até a desmotivar seus companheiros de equipe que não recebiam a bola.

Ao final da aula pedi que os alunos comparassem o handebol realizado na primeira aula e o handebol de campo da segunda aula. Foi unânime a resposta que a aula no campo (adaptado) com regras, foi muito melhor. Falei para os alunos que na próxima aula vivenciaríamos o handebol de salão. Houve menos reclamações.

Dentro de sala, pedi aos alunos que falassem as principais dificuldades encontradas no handebol de campo, assim como o que mais gostaram. Entre as dificuldades o que mais foi falado foi a respeito do espaço físico “muito grande” e a dificuldade de receber a bola por parte de alguns alunos, desta forma, participando menos do jogo. O que mais gostaram foi a maior dinâmica do jogo. Falei que naquela aula iríamos jogar o handebol de salão, com sete jogadores por equipe, devido ao tamanho menor da quadra em relação ao campo.

Fiz um breve histórico sobre o motivo de o handebol ter passado do campo para a quadra. Dividi a turma em três times que se revezaram entre si. Percebi que alguns alunos sentiram uma certa dificuldade em relação ao deslocamento, pela quadra ser menor que o campo e a relação aluno por metro quadrado ser quase três vezes menor que no campo, logo, menos espaço para movimentar e maior marcação, então a bola tem que ser tocada mais vezes; por outro lado, isto tornou o jogo mais atrativo para os alunos que corriam menos no campo e recebiam menos as bolas, passando a participar mais do jogo. Os alunos fizeram mais gols que no handebol de campo, talvez pela dinâmica do jogo na quadra fluir ainda melhor e a possibilidade de contra ataques mais rápidos, por chegar mais rápido ao gol.

Foi interessante observar como o espaço físico influenciou de maneira substancial a dinâmica do jogo. Ao final da aula conversei com os alunos sobre suas impressões e pude ratificar o que tinha aferido, a maioria dos alunos gostou mais da dinâmica do jogo na quadra, por terem participado mais efetivamente do jogo. Perguntei aos alunos se existia outra local que é jogado o handebol, mas eles não souberam responder. Falei que na próxima aula aprenderíamos outra forma de praticar o handebol. Eles ficaram animados e não houve reclamações.

Os alunos estavam ansiosos para conhecer a nova forma de jogar handebol. Foi passado para os alunos um vídeo de handebol de praia, Brasil x Uruguai. Os alunos gostaram muito desta forma de jogar, principalmente por poder pular e cair na areia. Logo depois expliquei as principais diferenças desta forma de jogar para as outras e algumas regras específicas, que influenciavam de maneira substancial o jogo.

Ao final da aula, os alunos pediram que experimentássemos o handebol de areia de forma adaptada à nossa realidade, o que ficou para a próxima aula. Fiz as adaptações em espaço de terra e realizamos o jogo como se fosse na areia, pedi aos alunos que jogassem como se realmente estivessem na areia, quicando menos possível a bola e tocando-a mais, a quadra jogo ficou menor e os times compostos de três jogadores de linha e um goleiro. Dividi a turma em cinco times, que revezaram entre si.

Os alunos gostaram das equipes com menos jogadores, o que proporcionava maior possibilidade de participar do jogo, porém sentiram dificuldade de abstrair a situação de que estivessem na areia e, às vezes, o jogo tinha mais características de salão. A aula foi interessante para os alunos que conheceram mais uma forma deste esporte, porém teria sido mais proveitosa se tivesse sido realizada em uma quadra de areia.

Aqui tive algumas dificuldades porque os alunos tiveram que abstrair uma situação de quadra de areia: o primeiro impulso ao receber a bola era jogar-lá no chão. Entretanto, foi interessante e se adaptaram no decorrer da aula.

Na aula seguinte, dividi a turma em grupos e pedi que a partir de seus conhecimentos sobre handebol criassem jogos, que pudessem ser praticados por eles nas aulas de educação física e em seus momentos de lazer em casa, rua, parques ou qualquer outro lugar de costume para suas brincadeiras. Percebi um pouco de dificuldade para a criação, porém apareceram jogos como: só pode fazer gol de cabeça, marca ponto quando derruba um cone, gol desenhado na parede, se der rebote continua valendo o jogo; e um em que quem marca um gol vira goleiro. Realizamos os jogos e finalizamos o projeto com exposição de fotos e relatos dos alunos para as outras turmas.

4. Considerações finais

As convicções iniciais foram superadas e outras mais complexas vão sendo construídas, segundo afirma Leite (1996). Os projetos não são constituídos de etapas rígidas, são processos contínuos. Surgem novos conhecimentos que não só servem para resoluções de problema para este projeto, mas sim para a vida. Surgem novas possibilidades. Neste caso, com o desenvolvimento deste projeto, aflorou a questão das regras e suas variações em relação ao local onde é jogado o handebol.

O histórico do handebol e a vivência dos jogos fomentaram de maneira significativa a discussão e a produção de regras do jogo.

A dinâmica do jogo e onde ele é realizado parece um importante pressuposto para construir, analisar, discutir, desconstruir e reconstruir as regras dos esportes, não ficando presos a regras institucionalizadas, contudo não se deve tirar a importância destas.

A finalidade da regra é tornar o jogo praticável e ela pode ser construída ou reconstruída de acordo com os interesses dos participantes, bem como de acordo com o espaço físico. É possível e extremamente interessante ser trabalhada em projetos para as aulas de Educação Física quando o tema for esportes, jogos ou qualquer outro conteúdo que tenha regras.

5. Referências bibliográficas

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Escola e esporte: campos para ocupar, resistir e produzir.** Pensar a Prática 3, jun./jul. 1999-2000.

ARANTES, Valéria Amorim (org) et al. **Afetividades na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas.** São Paulo: Summus Editorial, 2003.

BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e Educação Física.** Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **A Educação Física no ensino fundamental.** Belo Horizonte: Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação Física – ensino de quinta a oitava séries.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CBHB, Confederação Brasileira de Handebol. **Regras oficiais.** Rio de Janeiro: Palestra Sport. 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

FREITAS, Luis Carlos. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** Campinas: Papirus, 1995.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Entre o “não mais” e o “ainda não”:** pensando saídas do não-lugar da EF Escolar II. Cadernos de Formação RBCE, Campinas, v.1, n.02, p.10-21, mar. 2010.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. **A Pedagogia de Projetos em Questão.** Belo Horizonte: SMED, p.6-13, 1996.

MINAS GERAIS, Secretaria de Estado de Educação. **Proposta curricular, conteúdos básicos comuns:** Educação Física – Ensino Fundamental e médio, Belo Horizonte: MEC/SEE.

PIRES, G. L; NEVES, A. **O trato com o conhecimento esporte na formação em educação física:** possibilidades para sua transformação didático metodológica. **In:** Kunz, E., **Didática da Educação Física 2.** Ijuí: Unijuí. p 53-95. 2002.

PINTO, César Augusto Sadalla. **Esporte Educacional:** uma possibilidade de restauração do esporte. *Revista Mineira de Educação Física*, v. 17, n. 2, p. 115– 122. 2009.